

Brizolismo continua vivo no Sul

DELMO MOREIRA

PORTO ALEGRE — Chamá-lo de caudilho nem sempre é uma ofensa. Entre os pedetistas gaúchos a palavra vem carregada de carinho. No Rio Grande do Sul, Brizola é um daqueles fenômenos em que mesmo defeitos se transformam em virtudes, pela via da esperteza. Os votos que ele vem amontoando no Estado cerca de 60% do total — certamente fazem uma pilha mais alta que o partido. E revelam, com precisão, o tamanho do mito.

A força de Leonel Brizola, conjugada a problemas da administração petista em Porto Alegre, levaram o candidato do PDT a colocar Lula, na capital gaúcha, num incômodo terceiro lugar, atrás de Collor de Mello, e pouca coisa à frente de Paulo Maluf, do PDS. O prefeito Olívio Dutra não aceita este raciocínio e sustenta que Porto Alegre é um tradicional reduto brizolista. Mas a eleição de um petista em 1988 mostra que o PDT não é tão forte na capital gaúcha, quando o candidato não é Leonel Brizola. Com ele na disputa, a situação é outra e a febre brizolista chega a atingir 70% dos eleitores da capital, como mostram os resultados parciais de 15 de novembro.

Em termos de representação política, o PDT é a terceira força partidária do Rio Grande do Sul, atrás do PMDB e PDS. Reúne 832 vereadores, dez deputados estaduais, três federais e 61 prefeitos. Parece bastante, mas todos juntos somam menos votos do que os 60% agora obtidos por Brizola entre os 5,7 milhões de eleitores dos 333 municípios gaúchos.

O brizolismo é um sentimento que passa de geração para geração. Há os netos de um brizolista que era filho de um getulista, numa sólida cadeia política, que mistura ainda forte sentimento regional, expresso em lenços vermelhos no pes-

coço ou cavaleiros acompanhando caravanas. Nenhum pedetista ousaria desprezar o fator "gauchismo" num balanço do desempenho que Brizola consegue nessas eleições, no Rio Grande do Sul. Afinal, não foi de graça que cabos eleitorais do PDT distribuíram panfletos que aticavam: "Não vote em nordestino".

Para muitos gaúchos, o Brizola que eles ungiram nas urnas era aquele governador que na fria manhã de 28 de agosto de 1961, entre hinos marciais, exortava, através de uma cadeia de rádio, que o Palácio Piratini fosse transformado numa "cidadela que há de ser heróica, uma cidadela da liberdade, contra os atos dos senhores prepotentes". O povo corria à praça em frente ao Palácio, para defender a posse do presidente

João Goulart e garantir a "legalidade".

No entanto, também há outras interpretações para o fenômeno. Uma delas vislumbra um candidato escolhido por grandes fazendeiros do interior, outra celebra o líder apoiado por trabalhadores sem terra que não esquecem as primeiras experiências de reforma agrária que ele patrocinou no Estado. No fundo da urna ainda será possível encontrar o Brizola malabarista de composições partidárias, que se juntou a integralistas para ser eleito governador gaúcho. A soma de todas estas interpretações retrata Leonel Brizola, um político que, 29 anos após ter deixado o Rio Grande do Sul, fugindo do regime militar, continua tão influente entre o eleitorado gaúcho quanto nos tempos em que governava o Estado.



Renato dos Anjos/AE-13/11/89

Brizola: forte em Porto Alegre, como há 29 anos